

Charles Sanders Peirce

Manuscrito 310.1-14: Conferências sobre o Pragmatismo – Conferência V

Manuscript MS 310.1-14: Lectures on Pragmatism – Lecture V

Tradução, apresentação e notas de Lauro Marques*
Translation, presentation and notes by Lauro Marques
laurojmm@estadao.com.br

Apresentação¹

O manuscrito, ora traduzido, consiste numa primeira versão do texto sobre “As três ciências normativas” (apresentado nas *Conferências de Harvard*, em 1903, e publicado em CP 5.120-50, EP 2: 196-207, e TURRISI 1997: 205-220). Na presente versão, inédita, e não utilizada por Peirce, durante a conferência supracitada, o autor argumenta que nossas escolhas estéticas, as quais, em certo sentido, não são racionais, não são totalmente destituídas de conseqüências. Ao contrário, são elas que, em última análise, irão paular nossa conduta futura. “Por trás de todo raciocínio que possa ter sido levado a cabo, deve haver um superficial, irracional, ‘eu prefiro isto.’”

Tradução

[1] Senhoras e Senhores:

Dissertei, da última vez [na conferência de número IV, anterior], sobre metafísica, pois pensei que isso os agradaria. Porém, devo dizer que vocês estão totalmente despreparados para o estudo da metafísica. Vocês poderiam muito bem aprender a teoria das funções, sem o conhecimento do cálculo diferencial, ou o cálculo, sem conhecer geometria elementar e álgebra, ou a teoria da eletricidade, sem nenhuma clara noção de mecânica. Para uma familiaridade com lógica – por o que eu não pretendo dizer nada como a lógica dos lógicos inexatos –, mas uma completa familiaridade com lógica, separada acurada e radicalmente da psicologia – a lógica das relações, das multitudes finita e infinita, da continuidade, que transcende toda multidão, das abstrações, no sentido em

* Lauro José Maia Marques é doutorando em Comunicação e Semiótica (COS/PUC-SP). Weblog: <http://www.amaculahumana.blogspot.com.br>.

¹ Os números **em negrito**, entre colchetes, correspondem ao início da página do manuscrito, seguindo a numeração de ROBIN (1967). As palavras *em itálico* – exceção feita aos títulos de livros e termos estrangeiros, invariavelmente grafados em itálico – são grifos do próprio Peirce, no original. Toda e qualquer intromissão do tradutor, no texto a seguir, está entre colchetes ou sinalizada em nota de rodapé. As reticências, colocadas entre colchetes, indicam que parte do texto foi omitida na tradução.

que uma *virtude soporífica*² [2], é uma abstração, no sentido próprio equivalente ao sentido em que um grupo ou uma coleção é uma abstração, a lógica dos raciocínios indutivos de geral diferente [*sic*]³, a lógica das hipóteses - uma completa familiaridade com todas essas coisas, para o que, lamento dizer, essa universidade não provê quase nenhuma reserva, ainda que eu não tenha a menor hesitação em dizer que isso fornece o treino que todo homem que fará parte da elite intelectual do mundo requer – tudo isso deve ser adquirido antes que alguém possa com proveito abrir um livro de metafísica ou sequer especular sobre a realidade como ela é.

Caso houvesse tempo para dar trinta e seis conferências em vez de seis ou sete, seu tema seria este, da lógica exata e genuína. Mas ainda assim eu deveria ter começado pelas categorias.

[3] Vou repetir a oferta que fiz na última conferência. Se os estudantes filosóficos puderem [...] achar tempo para assistir a duas, ou mesmo a uma palestra, concernente à lógica da multidão e da continuidade, ficarei feliz em dá-las para vocês.

I.

Tenho confiança, senhoras e senhores, que não dei a entender que as três categorias, das quais venho falando, são uma descoberta minha. Caso fossem, essa circunstância seria uma prova quase conclusiva da falsidade da lista. Idéias tão fundamentais como sustento que são essas, devem ter sido *uralt*⁴ quando o homem de Neandertal era uma criança. Elas devem ser identificáveis na mente dos animais inferiores. Muito mais [provavelmente] elas devem ter [4] permeado o pensamento humano desde Ferecides.⁵ Não, tudo que fiz foi fazer uma exposição delas, que, espero, ponha-as numa luz mais clara do que aquela de Hegel.

O primeiro ano do meu próprio estudo inicial sério de filosofia, em 1856, quarenta e sete anos atrás, foi devotado à estética. Meu anjo da guarda deve ter-me guiado a abraçar primeiramente esse ramo da filosofia, o qual deveria seguir-se imediatamente ao estudo das categorias, e a estudá-lo em um livro alemão, que apesar de ser muito antigo para ter sido sensivelmente influenciado por Hegel, era contudo um desses livros em que as três categorias, em um disfarce quase irreconhecível, desempenhavam um papel

² Cf. PEIRCE (1993), grifo no original: “Também descobri que a espécie mais efetiva de demonstração teomática sempre implica a longamente desprezada operação de *abstração* [...]. Essa é a operação por meio da qual nós transformamos a proposição que ‘O ópio adormece as pessoas’ na proposição que ‘O ópio tem uma virtude soporífica’”. (N.T.)

³ No original, em inglês: “*the logic of inductive reasonings of different general*”. (N.T.)

⁴ Adjetivo em alemão utilizado por Peirce para qualificar as categorias, cuja tradução para o português seria a idéia de algo muito antigo, remoto, imemorial. (N.T.)

⁵ Ferecides de Syros (Séc. VI a.C.), tradicionalmente creditado como tendo sido o professor de Pitágoras. De acordo com Theopompus, e Cícero, foi o primeiro a escrever em língua grega sobre a natureza e os deuses, um de seus textos sendo *Heptamychos*, sobre a origem do mundo. (N. T.).

essencial. Tratava-se do *Aesthetische Briefe* de Schiller⁶ - um excelente livro para um filósofo iniciante.

Em seguida, passei para a Lógica e para a parte analítica da *Crítica da Razão Pura*, e com pesar confesso que [5] negligenciei inteiramente a estética; assim sendo, ainda que eu me sinta nesse momento obrigado a dizer algumas palavras sobre isto [estética], sou constrangido a prefaciá-las com o reconhecimento de minha incompetência.

É uma pena que a língua inglesa não tenha um termo mais acurado para o bem estético do que *beauty* [beleza], que ao meu ver não transmite a idéia verdadeira [desse termo] de modo tão puro quanto até mesmo o francês *beauté*. Que uma palavra para o mal estético seja ainda mais fortemente ausente, eu não lamento tanto, pois não me sinto seguro de que haja alguma qualidade como essa. É claro, alguém poderá objetar que não há tal Qualidade como a beleza, igualmente - esse é um nome que damos a qualquer coisa que amemos contemplar independentemente de quaisquer *razões* para gostar disso, [poderá objetar, ainda,] que o que agrada a uma pessoa não é o mesmo que agrada a outra, e que portanto *de gustibus non est disputandum*.⁷ Provavelmente, a maioria [6] das pessoas encara essa máxima como não tendo nenhum outro significado possível senão o de que não há um padrão válido de gosto, e nada de *per se* belo. Ainda que igualmente não se discuta se o Sol é brilhante e quente, apesar de que mesmo o físico irá admitir a realidade de energia radiante. Não é uma questão a ser discutida; mas o motivo é que é auto-evidente; e talvez o mesmo possa ser verdadeiro com relação à beleza. Assim meu instinto me persuadiria, se eu o interpreto corretamente. Por outro lado, quando experimento repugnância pela aparência de algo, uma voz interior parece-me repreender que não estou fazendo um julgamento estético puro, mas que estou sendo confundido pela consideração da *inadequabilidade* do objeto para algum propósito. Abstraindo-se de considerações morais, um ladrão habilidoso ou uma mulher perversa podem proporcionar um belo espetáculo. Mesmo a vulgaridade explícita e o mau gosto têm seu [7] charme, se eu posso sair do choque que provém de imaginar-me na situação de imitá-los. Em resumo, estou inclinado em meus julgamentos estéticos a pensar como um bom Kentuckiano [pensa] sobre o uísque: *possivelmente* alguns podem ser melhores do que outros, mas todos são esteticamente bons.

Suponham que uma fada viesse dizer a cada um de vocês "...eu vos concederei qualquer sonho que desejardes. Esse sonho deverá realmente ocupar um trigésimo de segundo de vossa vida, mas deverá vos parecer tão vasto e complexo quanto o desejado, mas deverá estar profundamente desconectado de vossa experiência passada e futura, nenhum efeito deverá ser produzido, seja medicinal ou mágico, nunca deveis vos lembrar de um único detalhe dele. Devereis apenas saber que o tivestes e dele guardar uma impressão perfeitamente inalisável de sua totalidade. Então qual será vosso sonho? Como gostaríeis que ele fosse [8], um sonho de um perfume de essências de rosas, ou apenas um puro e imiscível⁸ sentido de beatitude?" Fosse eu, diria: "Nada disso! Ao contrário, deve ser um sonho de extrema variedade e deve parecer abarcar uma história completa contando milhões de anos. Deve ser um drama no qual inumeráveis caprichos vigorosos devem colidir e resolver-se em maiores e mais fortes harmoni-

⁶ *Cartas sobre a Educação Estética*, de Friedrich Schiller (1759-1805). (N.T.)

⁷ Provérbio latino: "Gostos não se discutem". (N.T.)

⁸ No original, em inglês, "*unalloyed*". Devo a tradução desse termo para o português a Cassiano Terra Rodrigues. (N.T.)

as e antagonismos, e ultimamente executar razoabilidade inteligente de existência mais e mais intelectualmente espantosa e produzir novos *designs* ainda mais admiráveis e prolíficos”. E se a fada me perguntasse o que seria esse *denoeument*⁹, eu replicaria: “Faça minha inteligência no sonho desenvolver poderes infinitamente além dos que posso agora conceber e me faça, por fim, achar essa razão ilimitada profundissimamente inútil para compreender as glórias dos pensamentos que estão para [9] tornar-se materializados no futuro, e isto será *denoeument* bastante para mim. Posso então retornar para a impressão total inanalizada disso [do sonho]. Eu o descrevi. Agora me deixe experienciá-lo.” Meu gosto deve ser sem dúvida excessivamente rude, pois não tenho nenhuma educação estética; mas até onde sei, a Qualidade estética parece-me ser a impressão total inanalizável de uma razoabilidade que se expressou em uma criação. É um puro Sentimento, mas um sentimento que é a Impressão¹⁰ de uma Razoabilidade que Cria. É a Primeiridade, que na verdade pertence a uma Terceiridade na sua realização de Secundidade. Acredito, como uma questão de opinião, que essa Glória [a Qualidade estética] é tão cintilante quanto o sol¹¹ e que qualquer abominação estética é meramente nossa insensibilidade resultante de obscurecimentos devidos às nossas próprias aberrações morais e intelectuais. [10] Há apenas poucas gerações, os Alpes, que tanto elevam nossos espíritos para um sublime sentido de Terceiridade operativa, haviam sido vistos por todo homem que sobre eles lançou um olhar, mesmo para os moradores daqueles vales, como terrores de Pesadelo. O opressivo sentido de Secundidade estava lá, ao passo que suas mentes não estavam despertas para a Terceiridade.

O problema da ética é simplesmente definir aquilo que todo homem está deliberadamente preparado para aceitar como o objeto dos seus esforços. Agora ele pode desejar realizar isto ou aquilo por uma razão; quer dizer, porque isso seria alguma espécie de resultado especial. Mas então a questão que surge é por que ele desejaria tal resultado. Logo, no geral, ele deve chegar a alguma espécie de estado de coisas ideal, seja estático ou Cinético, que ele deseja realizar como um fim último e sem nenhuma razão ulterior. [11] Agora, aquilo que eu estou deliberadamente preparado para tentar realizar sem nenhuma razão ulterior, quer dizer, sem nenhuma razão, sob qualquer condição, deve ser algo como isso aparenta ser, decididamente esteticamente bom; e, além de ser esteticamente bom, é necessário que deva aparentar ser bom para que eu me esforce por ele. Mas, para mim, tentar realizar, ou criar um estado de coisas, é tentar reduzir o estado de coisas oposto a nada. Em estética pura, ambos os estados, um estado de coisas e seu oposto, podem ter sua beleza. Mas lutar por um é lutar contra o outro; de maneira que recaio aqui em um dualismo. Não posso pronunciar um estado de coisas bom para que me esforce, sem, *ipso facto*, pronunciar o estado de coisas contrário bom para que eu fuja dele. Há aqui um agudo dualismo que de maneira alguma existe em [12] um estado de puro gozo estético. Por trás de toda razão, deve haver então esta

⁹ Termo em francês, significando desenlace. O *desenlace* do drama musical - como Peirce descreve o sonho que gostaria de ter, na ficção proposta por ele -, que nada mais é se não uma metáfora para o crescimento da razoabilidade. (N. T.)

¹⁰ Originalmente, Peirce escreveu “*the Image*” [a Imagem], mas então riscou essa palavra, substituindo-a por “*the Impress*” [o Sentimento ou a Impressão total inanalizada]. (N.T.)

¹¹ No original, em inglês, negrito acrescido: “*As a matter of opinion, I believe that that Glory shines out in everything like the sun*”. TURRISI (1997: 69), na transcrição que fez dessa passagem, omite o segundo “*that*”, que aparece repetido na frase do manuscrito. (N.T.)

dupla sentença, “*Isto* é melhor do que *Aquilo*”, para meu esforço. Trata-se de algo que se adicionou ao puramente estético e que, em certo sentido, não é racional. Há algo em direção ao qual eu tenho um senso de atração e, *ipso facto*, repulsão por seu contrário. O elemento de Secundidade, de Reação, é tão obstrutivo aqui quanto o elemento de Primeiridade, de puro Sentimento, no estado mental estético. Mas como o primeiro, que apesar de ser um puro Sentimento, é o Sentimento que pertence à razoabilidade, que está para a Terceiridade, do mesmo modo aqui não é com um mero impulso bruto que estamos lidando. [...] Vilões puros são produto de louca fantasia ou de uma maldosa, ou maldosamente ignorante, falsa representação. [...] [13] [...] Você pode fazer uma ação habitual, ou uma muito insípida, por puro instinto direto, mas você não comete os seus crimes dessa maneira. Um crime é um ato moral, no sentido de que você deliberadamente o aprovou, e desaprovou a ação de não cometê-lo. Não é uma doutrina moral esclarecida, concordo; mas é exatamente uma ação moral, implicando um combate entre impulsos que são desaprovados, como se fosse a coisa mais certa no *Livro dos Mártires*. Moralidade é algo do qual não se escapa. Quanto mais ultrajante a vilania de um homem, maior seu autocontrole moral. E por trás de todo [14] raciocínio que possa ter sido levado a cabo, deve haver um superficial, irracional “Eu prefiro *isto*”.

Agradecimentos

Profa. Dra. Lucia Santaella, que gentilmente me forneceu fotocópia do manuscrito. Cassiano Terra Rodrigues, pela leitura do texto final da tradução e preciosas críticas e sugestões. Este trabalho foi desenvolvido com apoio da FAPESP.

Referências Bibliográficas

PEIRCE, C. S. (1931-58). *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Charles Hartshorne, Paul Weiss e Arthur Burks (eds.), 8 vols. Cambridge: Harvard University Press.

PEIRCE, C. S. (1998). *The Essential Peirce 2*. Nathan Houser et al. (eds.). The Peirce Edition Project. Bloomington, Indiana: Indiana University Press.

PEIRCE, C. S. (1993). *Manuscript L 75: Application to the Carnegie Institution*. Ed. Joseph Ransdell. Electronic text. Peirce Telecommunity Project. *From Draft E - MS L75.209-210*: <<http://members.door.net/arisbe/menu/library/bycsp/L75/Ver1/L75v1-02.htm>>.

ROBIN, Richard R. (1967). *Annotated Catalogue of the Papers of Charles Sanders Peirce*. Amherst: University of Massachusetts Press: <<http://www.iupui.edu/~peirce/web/robin/robin.htm>>.

STENUDD, Stefan (2000). *Cosmos of the Ancients. The Greek Philosophers on Myth and Cosmology*: <<http://www.stenudd.com/myth/Greek/pherecydes.htm>>.

TURRISI, Patricia Ann (ed.) (1997). *Pragmatism as a Principle and Method of Right Thinking*. Albany, State University of New York.